

Santander Cultural lança RS Contemporâneo – Pensamentos Curatoriais

- *Banco aposta no pensamento da nova geração de intelectuais gaúchos.*
- *Projeto assume a curadoria não apenas como campo de conhecimento e investigação, mas como domínio prático profissional.*
- *Iniciativa amadurece sua proposta e agora almeja imersão no universo curatorial.*

Porto Alegre, 13 de março de 2017 – O calendário de artes visuais do Santander Cultural inicia 2017 marcado por uma mudança emblemática em sua programação. Com abertura ao público em 15 de março, a mostra **RS Contemporâneo – Pensamentos Curatoriais** traz uma nova formatação ao projeto homônimo, centralizando as atenções da exposição no trabalho curatorial.

Iniciado em 2012, o projeto *RS Contemporâneo* estimula discussões culturais e artísticas, além de atender à permanente necessidade de inovação e criatividade. Até 2017, as cinco edições apresentaram dezoito artistas que trouxeram trabalhos bastante profícuos no meio cultural. Obras que foram observadas por curadores de fora de sua área geográfica de atuação e que, até então, não haviam se voltado às suas poéticas.

Este ano, o projeto recebe uma significativa mudança que está traduzida no subtítulo **Pensamentos Curatoriais**: trata-se da inversão e ampliação do discurso tradicional sobre mostras de arte. Acostumados a analisarmos uma exposição a partir das obras dos artistas, o Santander Cultural propõe um olhar sobre o trabalho do curador e elege a figura deste profissional para indicar o tema que deseja trabalhar.

“O Santander aposta no amadurecimento da iniciativa, que mantém a valorização de jovens nomes gaúchos com foco na originalidade e vanguarda da prática artística, incentivando assim a curiosidade e a inquietude pela inovação”, destaca Marcos Madureira, vice-presidente executivo de Comunicação, Marketing, Relações Institucionais e Sustentabilidade do Santander Brasil.

A primeira edição do **RS Contemporâneo – Pensamentos Curatoriais** tem curadoria de **André Venzon** com obras integrantes da coleção **Justo Werlang**, exclusivamente da artista **Karin Lambrecht**. No recorte de **103 trabalhos predominam pinturas**, dos anos 80 até a fase mais recente da artista, e desenhos, além de **três grandes instalações** e mais de **60 documentos** entre escritos de artista, esboços, estudos e aquarelas que revelam o processo de criação de Karin. A escolha de Venzon se dá pelo caráter incomum que o colecionador imprimiu às suas aquisições, direcionando-as especialmente para oito artistas: Iberê Camargo, Xico Stockinger, Siron Franco, Nelson Felix, Daniel Senise, Karin Lambrecht, Mauro Fuke e Felix Bressan.



Santander Cultural apresenta RS Contemporâneo – Pensamentos Curatoriais

NEM EU, NEM TU: NÓS - a obra de Karin Lambrecht e o olhar do colecionador

Curadoria de André Venzon

Rua Sete de Setembro, 1028 | Centro Histórico

Coquetel de abertura para convidados | 14 de março

Período de 15 de março até 30 de abril

Ação educativa 51 3287.5941

Texto curatorial por André Venzon

Um olhar fora de si

Esta exposição é fruto de uma coleção de arte contemporânea e também do olhar de seu colecionador, que há quatro décadas se lançou a um registro sagaz sobre o percurso criativo de oito artistas: Iberê Camargo (1914-1994), Xico Stockinger (1919-2009), Siron Franco (1947), Nelson Felix (1954), Daniel Senise (1955), Karin Lambrecht (1957), Mauro Fuke (1961) e Félix Bressan (1964). A coleção busca evidenciar o pensamento, a gênese da produção artística, a partir da visualização de um conjunto representativo, ampliando não apenas os limites da nossa compreensão sobre a produção de cada artista, mas também desvendando uma profunda percepção de seus processos artísticos, pelo encadeamento das obras e pela observação das cronologias. A qualidade e a representatividade de cada obra, o foco da coleção, reside no registro do pensamento e da vida dos artistas, no convívio e nas conversas no cotidiano dos ateliês e na observação do nascimento de cada nova questão de seus trabalhos.

A curadoria de uma coleção particular implica um redobrado zelo: nela convivem as obras e o colecionador, em uma relação muito específica. Debruçar-se sobre a ideia de como tornar visível para o grande público aquilo que o espírito de uma coleção apresenta constituiu o primeiro desafio desse projeto, pois seria preciso fazer com que uma percepção individual adquirisse um sentido coletivo. Partimos do princípio de que uma coleção não precisa ser uma enciclopédia de artistas, mas um espaço permanente para a gênese de novos olhares, especialmente quando tomamos por referência o conceito de Michael Archer¹, para quem “a arte é um encontro contínuo e reflexivo com o mundo (...), e a obra de arte, longe de ser o ponto final desse processo, age como iniciador e ponto central da subsequente investigação do significado”. Essa visão se integra totalmente à ideia do projeto em que vínhamos pensando. Nele, a arte de colecionar era entendida não como uma atividade egóica, mas, sobretudo, como uma conversa, um diálogo entre o colecionador e os artistas – o que foi ampliado pela oportunidade desta curadoria, em que passamos a compartilhar com a comunidade um bem artístico de acesso particular.

¹ ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea: uma história concisa**. 2ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. p.236



Compreendemos que o ato de colecionar implica diversos sentidos, significados, variadas semânticas, visto que cada prática se insere em uma perspectiva particular. No entanto, diante do dilema ético e político que vivemos – passando de uma sociedade de hábeis produtores a ralos consumidores, que elege o desapego ao legado humano e o descaso pelas novas gerações –, criar uma coleção de arte é, também, propiciar uma fonte de conhecimento e de reflexão, e uma forma de expressar sentimentos, que exige sacrifício e abnegação, e pode demandar a dedicação de toda uma vida.

A coleção Justo Werlang almeja um olhar fora de si, que concentre atenção na arte contemporânea e em seus artistas, no exercício de compreender melhor o mundo. Para contemplar essa percepção e representar sua densidade, escolhemos as obras de Karin Lambrecht.

A opção por expor exclusivamente parte das obras de Karin revela a escala de representatividade que o conjunto de obras de cada artista assume na coleção. Também revela a profundidade e a intensidade do olhar do colecionador. Nesta mostra é possível tangenciar o olhar com que ele se aproxima das obras a partir da experiência do ateliê e do longo diálogo que mantém com cada artista. Algo talvez diverso do que encontramos em outras exposições.

A fruição artística é determinada antes pelo modo como nos aproximamos da obra que pelo lugar em que ela se encontra – ou, em outras palavras, pelo tempo de que dispomos para tal encontro e pelos objetivos que preestabelecemos para esse momento. As respostas mudam de indivíduo para indivíduo: pode resumir-se a mera curiosidade a respeito de seu valor monetário; pode ser que se pretenda absorver o pensamento do artista e de seu colecionador.

O ato de colecionar é uma construção que, mais do que inversão de recursos financeiros, requer longo investimento de tempo. Apesar de a obra de arte ser considerada um patrimônio sólido, só no longo prazo, e muito eventualmente, os valores econômicos e culturais poderão apresentar uma correlação. Na maior parte das vezes, para quem busca investimento financeiro, têm-se apenas apostas.

Cada coleção reflete a visão pessoal de quem a faz. São diferentes as razões que levam pessoas a formar coleções, assim como diversas são as tipologias e os desdobramentos dessa prática. O que se observa em arte contemporânea é que as novas expressões artísticas requerem um novo tipo de colecionador, aquele que compreenda a ânsia criadora de seu tempo.

Entendemos o colecionador como um voluntário que preserva as ideias contidas em uma obra de arte; ideias que marcam o presente e que poderiam desaparecer ou serem esquecidas sem o seu gesto generoso de olhá-las e conservá-las. Ele não é apenas o proprietário da obra, mas um parceiro no seu processo criativo. O mistério não é o pensamento embutido no objeto artístico, mas a potencialidade e as possibilidades do pensar os significados que nele habitam. O colecionador é o testemunho dessa afirmação ao optar por viver diante da obra e de seus múltiplos significados.

A coleção que pretenda desvelar o pensamento, ou os processos que ocorrem na origem da obra, não poderia abdicar dos arquivos e dos documentos de seus respectivos artistas, que

são as raízes de suas poéticas visuais. Assim, além de manter obras de arte propriamente ditas, Werlang começa também a colecionar os arquivos em que estão estudos, esboços e escritos dos artistas. De acordo com Cadôr² “ler e colecionar são formas de selecionar, formas de produzir um arquivo pessoal a respeito do mundo”, alcançando uma ainda maior legibilidade da coleção, *especializando-a*.

A primeira oportunidade de aquisição de escritos e estudos visuais relativos às obras se deu com o artista Nelson Felix, especialmente porque em seu trabalho o momento de pensar e estudar o processo é muito forte. A coleção adquiriu três conjuntos de cadernos de viagens, cada um relativo a um projeto de longa duração. Em seguida, debruçou-se sobre o arquivo de cadernos de Karin Lambrecht, no qual é possível ver os belos esboços da raiz inventiva da artista, os incontáveis escritos em que ela organiza o conceito e a qualidade plástica de cada um de seus trabalhos. Selecionamos segmentos desse arquivo a fim de facilitar as relações feitas pelo público entre processo e feitura.

O fio condutor mais evidente desta coleção é a proposta de estabelecer um conjunto de trabalhos que facilite uma maior compreensão da obra de cada um dos artistas que a compõe. Também o reconhecimento de seu vocabulário e de sua linguagem pessoal se reflete nesta curadoria, bem como a possibilidade de se desvendar o percurso do artista ao longo das décadas, as alterações na obra, modificadas ante as vicissitudes históricas, e, de alguma forma, os eventos de sua biografia. Diante desta coleção, temos a possibilidade de acompanhar suas respectivas trajetórias, percebendo como as obras mudam à medida que as condições, as circunstâncias e os episódios da vida do artista se sucedem.

Há, em toda verdadeira coleção, como nesta, um impulso espiritual que atua com força, diferentemente do que ocorre com as coleções em geral, conduzidas por impulsos imediatos ou materiais. Nesta coleção, a perspectiva não é o “obter”, mas o “oferecer” sentido. Uma coleção que tenha uma política de aquisições e empréstimos bem definida maximiza seu impacto e seu potencial sociocultural.

O papel histórico de colecionadores e galeristas garante as condições para que os artistas se mantenham e possam atuar. A escassez ou a ausência de compradores implica maiores dificuldades para manter o artista trabalhando, dificuldades para materializar seus projetos, e mesmo os meios para sua subsistência. Um mercado de arte bem estabelecido e saudável é elemento fundamental para o bom funcionamento do sistema de arte³, como se tem observado ao longo dos séculos.

No caso desta coleção, a relação do colecionador com os artistas não é apenas de aquisição, mas de colaboração no que se mostra necessário e possível. O colecionador não atua no sentido de exercer qualquer tipo de direcionamento ou solicitação ao artista. Há um vínculo de colaboração, cuidado, respeito, troca de experiências e desenvolvimento de afinidades.

² CADÔR, Amir Brito. **O livro de artista e a enciclopédia visual**. Belo Horizonte: UFMG, 2016. p.123.

³ “Conjunto de indivíduos e instituições responsáveis pela produção, difusão e consumo de objetos e eventos por eles mesmos rotulados como artísticos, e responsáveis também pela definição dos padrões e limites da arte para toda uma sociedade, ao longo de um período histórico”. BULHÕES, Maria Amélia et al. **As novas regras do jogo: o sistema da arte no Brasil**. Porto Alegre: Zouk, 2014.p.1-2

A obra de Karin Lambrecht, segundo arquivo pessoal da própria artista, ricamente representada nesta coleção, está baseada em memórias familiares, na sua formação artística, obtida por meio de estudos com professores que propunham grande rigor técnico, no aprendizado em pintura na atual Universität der Künste, em Berlim, em pinturas de cunho abstrato e nas inúmeras leituras da Bíblia.

Tal formação, segundo Ferreira⁴, deu origem a um imaginário artístico que permeia as obras e que se revela por meio da temática das pinturas, das suas preferências artísticas, dos materiais utilizados e da história da arte. As memórias da artista se expressam por meio da estrutura da obra, de diferentes representações do corpo, da casa, da terra, e das ideias da cruz, do sagrado, e do sacrifício.

É possível reconhecer a proximidade entre o pensamento do colecionador e a obra de Karin Lambrecht, cujos trabalhos foram os que mais recentemente ingressaram em seu acervo. *Morte: eu sou teu* foi a primeira obra da artista adquirida, o que ocorreu em 2002. O título desta obra é extremamente simbólico: não apenas em relação à própria temática da artista, mas porque encerra o conceito da coleção e, por consequência, o projeto curatorial a ser desenvolvido. Isto se deve ao fato de o título sugerir a ideia de um *memento mori*, “lembra-te de que morrerás”. Esta frase propõe o desapego de um “eu” específico e possibilita a visão do todo, do entorno, do outro e do mundo. Por isso, para provocar o público a ver além de si mesmo, foi selecionada uma expressiva quantidade de obras e documentos capazes de revelar o aprofundamento do olhar, do colecionador e da artista, na compreensão do que seja o *humano*.

O cerne desta curadoria é, portanto, o diálogo entre o colecionador e a artista. Encontramos as obras de Karin Lambrecht em repouso e selecionamos, em conjunto, trabalhos e cadernos que estavam à espera da experiência dos grandes espaços expositivos do Santander Cultural, onde temos a honra de expô-las. Entendemos que mostrar essa parte da coleção é dar visibilidade à obra de Karin. Expor o processo de trabalho da artista é o objetivo primordial para estabelecer uma ampla convivência da coleção com o grande público.

Em razão disso, intitulou-se a exposição **NEM EU, NEM TU: NÓS**. Esse título é proveniente de um enunciado escrito nos cadernos de Karin como matéria poética, que gerou alguns trabalhos, inclusive a última pintura a integrar a coleção – na qual é possível ler os pronomes “tu”, “eu” e “nós” escritos inúmeras vezes, e inúmeras vezes cobertos por novas camadas de pigmentos, fundindo escritos, pintura e tempo. É justamente esta a obra que abre a exposição, no acesso ao grande *hall* do prédio do Santander Cultural, apresentando o escopo da mostra. O “nós” pode ser entendido, também, como a coleção, enquanto o “eu” significa o conjunto subjetivo da obra da artista, e o “tu” representa o olhar do outro: neste caso, o do colecionador e o do público.

O subtítulo, **A obra de Karin Lambrecht e o olhar do colecionador**, esclarece os significados que pretendemos oferecer tanto ao título como à mostra em si. Partindo da ideia de que uma coleção particular habita a casa do colecionador, o *design* da exposição respeita a atmosfera

⁴ FERREIRA, Glória (Org) et al. **Karin Lambrecht**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

introspectiva pré-existente, fugindo à expografia museológica – até porque outra preocupação está em mostrar, por meio do conjunto das obras, a personalidade da coleção.

As obras na exposição, como *Der Brunnen* (1991), *Eu e Você* (2001) e *Eclipse* (2013), são reunidas e apresentadas de forma que permitam uma compreensão do arco histórico de sua produção. Por outro lado, a abrangência da coleção pode ser percebida pelo fato de haver trabalhos que vão desde o final dos anos 1970 até o momento atual. Além da exibição de arquivos, agrupando cadernos e livros de artistas, projetos, estudos, entre outros documentos de trabalho, cerca de 80 pinturas de diferentes datas granjeiam, em caráter extraordinário, uma visão generosa do conjunto de obras de Karin Lambrecht e revelam a qualidade e a raridade da coleção.

Outro motivo a justificar a idealização deste projeto foi o permanente questionamento sobre qual o papel do Estado no fomento e no incentivo à arte contemporânea. O descuido e a indiferença quase permanente a que a maioria dos cidadãos é submetida em outras áreas das políticas públicas são sentidos, também, no setor cultural.

Em contrapartida, tal quadro de negligência e ineficiência dos direitos culturais é recuperado pelos colecionadores particulares que se dedicam durante décadas a constituir um patrimônio. No caso, a coleção é um legado da era contemporânea, uma provisão para o futuro, por sua implicação econômica ou riqueza cultural, que, mais além, poderão ser responsáveis por atuarem em outras dimensões do espaço público.

A questão do futuro de uma coleção é um assunto complexo, especialmente na realidade econômica e social brasileira, em que a sociedade vê, a todo instante, a manutenção de suas instituições culturais ameaçada. Há poucos anos, era possível notar um movimento de formação de coleções privadas em todas as regiões do país...

Com o passar do tempo, esta coleção reuniu obras icônicas do conjunto da obra de cada artista, pela persistência do olhar do colecionador em acumular um acervo significativo. Ocorreu, também, que algumas obras se tornaram mais públicas que a coleção como um todo, uma vez que foram bastante requisitadas para exposições coletivas. Quando alguém pretende fazer uma retrospectiva de algum dos mencionados artistas, necessariamente vai passar pela coleção, pois, nela há um volume expressivo de obras de qualidade de cada um deles.

A história das coleções é sempre uma história de paixão. Mas chega um momento em que a coleção se torna mais forte que o colecionador. A descoberta, a posse, o conhecimento, a preservação já não satisfazem plenamente. É preciso compartilhar, permitir que um número maior de pessoas usufrua do que um dia foi um exercício solitário, muitas vezes confundido com o simples acumular.⁵

Não é obrigação primordial do colecionador fazer com que as obras sejam mostradas ao público, ou mesmo que tenham um currículo extenso, uma vida pública. A função original do

⁵ GUTIERREZ, Angela. Coleções – entre o público e o privado. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano et al. **Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Livros do Museu Histórico Nacional, 2012. p.254.



coleccionador é a guarda e a conservação das obras adquiridas. No caso específico desta coleção, muitas vezes os próprios artistas determinam quais obras devem ser adquiridas, e quais outras devem sair da coleção, em um longo e permanente processo de revisão, no qual as preferências do colecionador não se constituem como o critério principal. Essa característica de ser construída de forma partilhada é outra das peculiaridades desta mostra.

A política de democratização do acesso às obras desta coleção é também construída com a participação dos artistas. Como proprietários intelectuais, são os artistas que provocam, autorizam ou recusam os empréstimos para que uma obra participe ou não de uma ou outra mostra.

Enfim, qual o destino da coleção, para onde irá no futuro? Dentro da mesma lógica participativa com que vem sendo construída, um diálogo exploratório de possibilidades estabeleceu-se entre o colecionador e cada um dos artistas. Todavia, ainda não se vislumbra uma solução na direção de que se encaminhe para a guarda de um museu ou pinacoteca pública, ou instituição de caráter privado aberto à visitação. Neste ponto, cabe destacar a grande fragilidade em que se encontram as instituições culturais do país, federais, estaduais, ou municipais, com raras exceções, assim como as causas que levaram a essa fragilidade. Esse é o fator que deve merecer maior atenção por parte da sociedade. A gestão política, e não técnica; a falta de uma visão e missão claras a que devam se dedicar; o distanciamento entre suas programações e as necessidades dos públicos; a pouca interação qualificada que mantêm com a área de educação são algumas das questões que precisam ser debatidas pela sociedade, pressionando as autoridades a priorizar investimento e estabelecer critérios de avaliação de desempenho. A fragilidade das instituições, assim como a ausência de garantias e incentivos para a doação de coleções e acervos particulares, apresenta-se como uma das causas do relativo empobrecimento dos acervos disponíveis aos públicos.

Diante de uma coleção de arte contemporânea, o mais importante é sempre atender ao convite para aprender uma forma diferente de olhar. O colecionador é movido por uma paixão, desenvolvendo um olhar específico, especializado. Em direção contrária, nosso olhar procura aquilo que já conhecemos. Mas o mundo contemporâneo se recria e se renova numa velocidade crescente, desafiando-nos a perceber as novas realidades em que estamos inseridos. A oportunidade de nos defrontarmos e perceber uma outra mirada sobre objetos artísticos é também um exercício que qualifica nossa capacidade de ver e refletir sobre os desafios de viver em uma sociedade em transição.

Bio artista

Karin Lambrecht nasceu em 1957, em Porto Alegre, onde vive e trabalha. Participou das 18ª, 19ª e 25ª edições da Bienal de São Paulo (1985, 1987 e 2002) e da 5ª Bienal do Mercosul,



Porto Alegre (2005). Trabalhando no campo expandido da pintura e da escultura, a obra de Karin Lambrecht materializa a abstração gestual da Geração 80 ao mesmo tempo em que faz referência à Arte Povera e a Joseph Beuys. Usando pigmentos de cores vibrantes, emulsiona seus próprios materiais de pintura, ela aplica pinceladas gestuais amplas a telas feitas à mão, sem moldura, rasgadas e queimadas. Muitas vezes também incorpora materiais orgânicos, tais como sangue animal, carvão, água da chuva e terra. Seus motivos recorrentes incluem: cruzes, o corpo humano e palavras enigmáticas escritas à mão ou carimbadas, que emergem das camadas de tinta, sugerindo doença, morte e cura.

Bio curador

André Venzon é artista visual, gestor cultural e curador. Mestrando em Poéticas Visuais pelo PPGAV UFRGS. Bacharel em Artes Visuais, com ênfase em Desenho, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). Especialista em Gestão e Políticas Culturais pela Universidade de Girona, Espanha (2011). Presidiu a Associação Rio-grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa (2006-2010); Conselheiro de Cultura e Vice-presidente do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul (2008-2010); Membro do Colegiado Nacional de Artes Visuais (2010-2012). Dirigiu o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul MACRS (2011-2014), durante a sua gestão o Museu recebeu o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas como destaque em espaço institucional, público ou privado, de divulgação artística (2014). Participou em diversas exposições coletivas e individuais. Ganhador do concurso público para construção do monumento em homenagem aos 100 anos da 1ª Imigração Judaica organizada para o Brasil, no Parque Farroupilha, em Porto Alegre, RS (2004). Indicado para o I Prêmio Açorianos de Artes Plásticas na categoria escultura (2007) e IV Prêmio Açorianos de Artes Plásticas na categoria Novas Mídias e Tecnologias (2010). Participou do programa Museum Study Tour, intercâmbio entre representantes de alguns dos mais importantes museus da Escócia, Inglaterra e Brasil, a convite do British Council (2013). Integrou o Conselho Curatorial do projeto RS Contemporâneo do Santander Cultural de Porto Alegre (2014).

Santander Cultural

Rua Sete de Setembro, 1028 | Centro Histórico
Porto Alegre RS Brasil 90010-191
Telefone: 51 3287.5500

scultura@santander.com.br | www.santandercultural.com.br

Horário de funcionamento

Ter a sexta, das 10h às 19h
Sábados e Domingos, das 11h às 19h
Bilheteria: ter a dom, das 14h às 19h
Não abre aos feriados

Santander – Relações com a Imprensa

Mariele Salgado Duran

(51) 3217-3401 | 9189-8847

e-mail: assessoria@marielesalgado.com.br

(11) 3553-7061/5157/5166/5244

e-mail: imprensa@santander.com.br / www.santander.com.br

twitter.com/santander_br / SAC0800 762 7777 / **Ouvidoria:** 0800 726 03

Santander Brasil

Relações com a Imprensa

Tel. 11 3553-5157/ 5259 E-mail: imprensa@santander.com.br

